

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
GRADUAÇÃO EM TEATRO

CRISTIANE SANTOS DE OLIVEIRA

REFLEXÕES DE UMA JORNADA ACADÊMICA:
Uma trajetória desafiadora

BELO HORIZONTE

2024

CRISTIANE SANTOS DE OLIVEIRA

**REFLEXÕES DE UMA JORNADA ACADÊMICA:
Uma trajetória desafiadora**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Teatro da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Teatro

Orientadora: Profa. Dra. Marina Marcondes Machado

BELO HORIZONTE

2024

Para minha mãe, uma inspiração para mim.
Sempre do meu lado.

Para meu pai (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe e a minha irmã caçula, pelo apoio, acolhimento e generosidade desde o recebimento do e-mail de aprovação no Vestibular até a minha formação. Foram pessoas essenciais que me fizeram acreditar que eu ia dar conta e que fizeram eu não desistir.

Agradeço aos meus amigos Carlos, Bárbara e Laura, por permanecerem sempre comigo nas conquistas e angústias durante todo o meu percurso acadêmico. Obrigada por fazer parte de tudo isso e por todo apoio e amizade.

Agradeço a Marina Marcondes Machado, orientadora desse Trabalho de Conclusão de Curso, pelos momentos de troca, generosidade, cuidado e atenção no meu processo de escrita. Obrigada por fazer parte desse momento, por me entender, ter paciência e mostrar uma via menos percorrida, que me fez ter vontade de escrever e confiar mais em mesma. Tenho uma imensa gratidão por acreditar e mim e me ajudar nas minhas dificuldades. Agradeço pelas trocas em suas disciplinas de dramaturgia, e por ter me mostrado novas abordagens de ensino e aprendizagem.

Agradeço aos meus companheiros de encontros de escrita, Victor e Maria Marta. Em especial a Maria Marta, pelas várias trocas e conversas fora da UFMG. Todo seu apoio foi de extrema importância para seguir em frente.

Agradeço ao Lucas Fabrício e ao Vinícius Lírio por generosamente terem aceitado o convite para fazer parte da banca, é uma honra ter vocês nessa conquista e na conclusão de uma etapa. Ao Lucas pelo apoio e incentivo dado em 2017, quando resolvi tentar vestibular para ingressar na Universidade e ao Vinicius por todo ensinamento nos Estágios III e IV, que contribuíram para que eu tivesse uma outra visão sobre o diálogo entre alunos e professor.

Agradeço aos meus colegas de classe que iniciarem o curso comigo em 2018.

Agradeço ao Centro de Pesquisas Teatrais pela oportunidade e confiança que depositaram em mim como professora durante quatro anos.

Agradeço a Deus por me manter forte e por ter colocado todas essas pessoas no meu caminho.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta um relato da trajetória pessoal e profissional de uma professora que ingressou na universidade trazendo na bagagem uma experiência prévia de docente. O relato mostra a realização do sonho de infância de se tornar professora, bem como o desejo de se tornar atriz. A autora faz uma reflexão sobre as transformações provocadas pelo percurso acadêmico em suas abordagens pedagógicas anteriores, bem como sobre os desafios enfrentados no percurso. A monografia destaca os estudos que levaram a transformações, tais como a Abordagem Espiral (Machado, 2020) e a criação de Casas Dramatúrgicas (Carvalho, 2021), alimento para o desejo e interesse de pesquisar dramaturgia e revisitar as memórias de sua primeira morada. A autora destaca a importância de se buscar novas abordagens para o ensino do teatro que se mostrem não conteudistas (Lírio, 2020), investindo em processos que façam diferença na vida das pessoas, por meio de ambientes, contextos e relações que tornem os estudantes protagonistas.

Palavras-chave: Ensino de teatro; Teatro com não atores; Dramaturgia; Protagonismo.

ABSTRACT

This Final Paper presents an account of the personal and professional career of a teacher who entered University with previous teaching experience. The account shows the realization of her childhood dream of becoming a teacher, as well as her desire to become an actress. The author reflects on the transformations caused by the academic journey in her previous pedagogical approaches, as well as the challenges faced along the way. The monograph highlights the studies that led to transformations, such as the Spiral Approach (Machado, 2020) and the creation of Dramaturgical Houses (Carvalho, 2021), which fed her desire and interest in researching dramaturgy and revisiting the memories of her first home. The author highlights the importance of seeking new approaches to teaching theater that are not content-based (Lírio, 2020), investing in processes that make a difference in people's lives, through environments, contexts and relationships that make students protagonists.

Keywords: Theater teaching; Theater with non-actors; Dramaturgy; Protagonism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Eu e meus três irmãos: Adriano, Adriana, Liliane.	9
Figura 2- Produto desenvolvido por um grupo de alunos para a propaganda	34
Figura 3 - Fantoches construídos por alunos da Escola Laicer Aguiar	42

SUMÁRIO

1. Memórias de uma menina sonhadora	9
2. A jornada do palco à sala de aula	14
3. Meu pai morreu sem ver minha entrada na UFMG	16
4. Desafios e conquistas: o caminho até a UFMG.....	18
5. Reflexões e transformações: um ano de pandemia em minha jornada acadêmica ...	23
6. Do planejamento à prática: ensinando teatro e explorando a dramaturgia.....	30
7. A arte no ensino de teatro e a fenomenologia: um olhar sobre a infância	39
8. Entre regras rígidas e a liberdade de ensinar	44
9. Horizontes futuros: rumo a possibilidades infinitas	46
Referências Bibliográficas	48

1. Memórias de uma menina sonhadora

Vou rememorar aqui a minha infância, eu era uma criança muito valente, alegre e sempre fui muito corajosa para enfrentar obstáculos. Uma menina sonhadora, arteira e brincalhona. Sou filha da Dona Marlene e do Seu Milton. Minha mãe era empregada doméstica e diarista, meu pai motorista de caminhão. Somos quatro irmãos: eu, minha irmã caçula Liliane, meu irmão Adriano e a irmã mais velha Adriana.

Figura 1- Eu e meus três irmãos: Adriano, Adriana, Liliane.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 1998.

Sobre a minha primeira morada? Imagine um barracão de telhas, com dois quartos, uma sala, uma cozinha e um banheiro externo, único cômodo da casa que tinha laje, um quintal espaçoso com uma árvore robusta, que sustentava meu balanço, feito de corda; eu passava horas nele, sonhando em mudar a realidade da minha família, sendo professora, porque acreditava que professores tinham uma boa estabilidade financeira; resumindo, achava que os professores eram ricos. Cresci e descobri que estava enganada.

Não mencionei onde nasci e morei: nasci no dia 07 de julho de 1990, na cidade de Belo Horizonte. Embora as lembranças do local de meu nascimento sejam vagas. Fui batizada em uma igreja próxima ao Hospital Odilon Behrens, toda vez que passo por lá com minha mãe, ela menciona: "Foi ali que você foi batizada." Nasci na mesma data em que Cazuzza faleceu, algo mencionado em alguma parte da minha vida. Minha mãe dizia: "Morre uma estrela e nasce

outra”. E desde então todas as vezes que chega meu aniversário, ela fala: “Cazuza morreu nesse dia”. E são mais de 30 anos repetindo isso.

Meu desejo de ser professora começou em 1998, aos 8 anos, onde minha imaginação me levava a brincar de dar aula para os meus amigos. Criava um ambiente de aprendizado, com meu quadro improvisado, ensinava sílabas, contas de matemática e contava histórias. Sentia-me importante e ansiosa para reunir meus amigos. Era uma professora autoritária, brigona e exigente e levava muito a sério as aulas, talvez por me inspirar em professores que tive no ensino fundamental. Para as minhas aulas eu usava os próprios livros da escola, folhas impressas que pedia a professora, tudo de uma forma real e como brincadeira, brincar de dar aula, para mim, era um dos melhores momentos da minha infância.

Eu queria ser atriz de novela, dessas famosas, sabe? Sempre assistia as atrizes maravilhosas e pensava que eram ricas. Bem, hoje sei que nem todas são. Mas vivia nesse conto de fadas e, naquele momento, pensava que seria a filha prodígio. Não fui!

Eu me caracterizava de várias personagens, dublava algumas novelas mexicanas, novelas da época, usava os sapatos e roupas da minha mãe, ficava horas de frente para o espelho imitando o que eu assistia na televisão. Chamava minhas amigas e elas também pegavam coisas de suas mães, eu era tudo o que queria: eu era cantora, dançarina, apresentadora de programa, figurinista, diretora e atriz, representava tudo. Montava cenas das novelas para apresentar para minha família, que não via muita das vezes; chegava a montar um mini palco, colocava as cadeiras da cozinha e fazia pipoca e aqueles sucos de saquinho e procedência duvidosa, mas uma delícia na época. Tudo para ter uma plateia, era gostoso preparar esse momento, mesmo que pudesse não vir quase ninguém. Mas minha imaginação ultrapassava isso e eu sempre enxergava uma plateia cheia, com muitos aplausos.

Certa vez, escrevi um texto para participar de um concurso na escola. Não lembro o que ganhei, mas sei que meu texto foi o mais votado e escolhido para ser lido para toda a escola, logo após o ato de cantar o Hino Nacional. Eu fui lá na frente, com meu pergaminho: olhei para aquela multidão de alunos, colegas e professores, meu coração parecia que ia sair pela boca, uma mistura de adrenalina, felicidade e tensão, tomou conta de mim e, ao ser anunciada para todos, fiquei tão lisonjeada que me senti protagonista e honrada, pois o momento do Hino Nacional era algo muito valioso para a escola, um momento de respeito.

Até certo tempo da minha vida, eu adorava escrever histórias, resenhas de livros que lia, criava roteiros, poesias, poemas, rimas, cenas, diálogos. Não sei em qual momento, isso diminuiu.

Entre 1999 e 2004, dos meus 9 aos 14 anos de idade, participei de peças de teatro e dança em uma igreja católica na minha comunidade. Ensaiaava peças bíblicas e dançava dança do ventre, dança contemporânea, entre outras. Interpretei vários papéis importantes e adorava vivenciar aqueles momentos. Tínhamos ensaio duas vezes na semana, a igreja era um salão, chamávamos de “salãozinho”, e lá ocorriam as missas.

Uma das músicas de Milton Nascimento¹ que marcou minha infância dizia: “Maria, Maria é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta”. Essa música foi gravada pelo Clube da Esquina em 1978 na voz de Elis Regina², fez muito parte da minha infância, trazia o significado da mulher forte, guerreira, batalhadora que não desiste fácil e que está sempre lutando pelos seus filhos. Cantávamos no mês das mulheres (março) e no Dia das Mães (maio), com uma coreografia que ensaiávamos. Também aconteciam apresentações de rua, nos eventos da comunidade. E mais uma vez eu tinha plateia, palmas, e a atenção das pessoas. Ficava feliz em poder apresentar e ver pessoas me prestigiando.

Em 2005, aos 15 anos, resolvi entrar para um grupo chamado "Agente Jovem", que recebia apoio de algumas ONGs e redes filantrópicas, um projeto muito bacana que ajudava os jovens da minha comunidade. Tínhamos de tudo: esporte, cultura, lazer e lanche, e uma bolsa de sessenta e cinco reais. Lá, participei de um projeto de audiovisual chamado *Stop-motion*, voltado para o campo da animação, uma técnica simples que já existia nos filmes. Todo o vídeo dependia de uma série de imagens fixas reproduzidas com rapidez suficiente para dar a ilusão de adicionar movimento; eu gostava de ser a animadora e desenvolvia várias animações. Na época fiz a animação com uma Joanelha de biscoito, criei um cenário de folhas, fiz uma árvore, e pronto, surgia um enredo, uma história rápida que tinha início, meio e fim.

Fui escolhida para dar uma entrevista no canal 9, Rede Minas, pois me destacava nos projetos e tinha familiaridade para falar em público, conhecia muito do projeto, e cheguei a dirigir algumas produções; assim, fui convidada pela professora. Lembro que quase ninguém assistia a esse canal, mas para mim era algo maravilhoso, pois apareceria na televisão. Minhas criações foram mostradas, enquanto a entrevista acontecia, e lá mesmo criamos uma animação com o nosso próprio corpo, eu e um colega, Davidson, não me recordo o sobrenome dele. Pela primeira vez, conheci uma rede de televisão. Foi magnífico. Havia várias salas, estúdios, e achava que encontraria alguém famoso lá, mas não, não tinha. No final mandei beijo para tanta

¹ Cantor, compositor e multi-instrumentista brasileiro reconhecido mundialmente como um dos mais influentes e talentosos artistas da história da música.

² Foi uma cantora brasileira conhecida pela competência vocal, musicalidade e presença de palco.

gente e metade foi cortado; pessoas que assistiram esperando o beijo, tiveram a surpresa de não ver seu nome no final da entrevista.

Comecei a fazer dança contemporânea em outro projeto cultural. Com isso, tive o privilégio de me apresentar no palco de um teatro profissional pela primeira vez, no Teatro Francisco Nunes. Fiquei encantada e queria seguir na dança, mas não consegui conciliar os estudos com o grupo de jovens, e os custos eram altos, minha família não tinha condições de arcar.

No ano de 2007, aos 17 anos, surgiu um concurso pela ASSPROM³, onde tínhamos que fazer uma resenha do livro *Dom Casmurro*⁴ de Machado de Assis⁵. Ganhei em primeiro lugar de todas as instituições e participantes que trabalhavam na ASSPROM. Isso me deixou muito contente, pois a resenha foi escolhida entre muitas e ganhei uma viagem para um hotel em Barbacena; fiquei vários meses lembrando dessa experiência. Ainda em 2007, após ter ganhado esse prêmio, fui contratada como menor aprendiz – meu primeiro emprego, alcançado por ter tido destaque no concurso.

Em 2008 tive a oportunidade de ir ao cinema pela primeira vez; quando cheguei no Shopping e entrei na sala, tela gigante, pipoca liberada, fiquei em êxtase, deslumbrada. Assistimos Ensaio sobre a cegueira, filme de 2008 baseado em um livro de José Saramago⁶ e dirigido por Fernando Meirelles⁷. Foi incrível. Fiquei apaixonada pelo cinema.

Aos 21 anos, no ano de 2011, retornei ao teatro. Estava querendo me aventurar no mundo da moda, fiz cursos e *workshops*, e um dos professores falou que seria interessante estudar teatro, pois ajudava na desenvoltura na passarela, em trabalhos comerciais e fotos. Na época fiz um curso livre de teatro em que havia a pretensão de uma apresentação final. Ensaiamos por um ano e alguns meses, e eis que ficou pronto o nosso espetáculo “A Civilização Incivilizada”. Apresentamos no Teatro João Ceschiatti, no Palácio das Artes. Pronto! Não queria saber de fazer outra coisa, desisti da profissão de modelo e bati o martelo: queria ser atriz.

³ Entidade filantrópica, de fins não econômicos, beneficente de assistência social que, desde 1975, profissionaliza e orienta adolescentes e jovens de famílias em situação de vulnerabilidade social, por meio dos programas socioassistenciais – adolescente trabalhador e de aprendizagem.

⁴ *Dom Casmurro*, obra realista de Machado de Assis, foi publicado pela primeira vez em 1899 e conta a história do possível triângulo amoroso entre Bentinho, Capitu e Escobar

⁵ Escritor brasileiro, um dos nomes mais importantes da literatura brasileira do século XIX. Destacou-se principalmente no romance e no conto, escreveu crônicas, poesias, crítica literária e peças de teatro.

⁶ José Saramago foi um escritor, poeta, contista, dramaturgo e jornalista português. considerado a maior expressão da literatura portuguesa contemporânea. primeiro escritor em língua portuguesa a receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1998.

⁷ Cineasta, ativista, produtor e roteirista brasileiro. É conhecido principalmente pelo filme *Cidade de Deus*, lançado em 2002 pela Lumière no Brasil, e pelo qual foi indicado ao Oscar de melhor diretor.

Nessa época, apesar de meus familiares terem gostado de assistir, não concordavam com essa ideia, falavam que “isso” não dava dinheiro, e eu sempre brincava: “que profissão “dá” dinheiro?” Porque se tem alguma que dá eu não estou sabendo, todas que conheço precisam estudar e trabalhar. Eu sabia que queriam que eu fizesse Direito, Biologia, Administração, Medicina e demais outras. Eles não queriam uma atriz na família. Com o tempo, isso mudou.

No ano de 2013, com 23 anos, entrei para o curso livre de teatro no CPT. O Centro de Pesquisas Teatrais foi fundado pelo Ronaldo Boschi⁸ em 1974. Foi o primeiro curso livre de teatro em Belo Horizonte, e seu formato previa a montagem de um espetáculo. Nesse ano em que entrei para a equipe apresentamos no Grande Teatro SESI Minas, lugar com um palco maravilhoso, não sei mensurar. Meu primeiro espetáculo se chamou Molière⁹ em Retalhos, dirigido por Roberta Luchini¹⁰. Mais uma vez me apaixonei e não me via fazendo outra coisa. O curso é oferecido dentro do SESI Minas.

Em 2014, resolvi me profissionalizar e iniciei o Curso Técnico de Teatro da PUC-Minas, com aulas de interpretação teatral, aulas de corpo, teoria, voz e montagem de espetáculo. Tive o privilégio de fazer aula de corpo com Dulce Beltrão¹¹ com quem aprendi conceitos básicos de postura, visão periférica; aprendi a usar roupas pretas nas aulas de teatro, para manter a uniformidade do grupo. Ela não deixava encostar na parede para descansar, não permitia que escorasse nos lugares da sala, tínhamos que manter a postura durante toda a aula. Ela é conhecida por ser a primeira mulher bailarina do Estado de Minas Gerais. Isso tornava as nossas aulas ainda mais privilegiadas, fato que trazia um peso para o currículo da escola.

⁸ Doutor, Mestre, Diretor, Bailarino, Figurinista, Cenógrafo, Ator e Professor

⁹ Molière, nome artístico de Jean-Baptiste Poquelin. Dramaturgo francês. Um dos maiores destaques do teatro francês no século XVII.

¹⁰ Mestre em Teatro Aplicado na Educação, Comunidades e Sociedade pela Goldsmiths, University of London, pós-graduada em arte-educação, pedagoga, publicitária, professora de teatro, diretora e atriz.

¹¹ Primeira mulher coreógrafa do Estado de Minas Gerais, considerada pelo crítico Luiz Gonzaga de Aguiar, no Diário de Minas, com a coreografia Otelo, em 1962.

2. A jornada do palco à sala de aula

Depois de formada, em 2015 e já com registro profissional de atriz, recebi o convite de Roberta Lucchini, como comentado é uma das diretoras do CPT, para ser estagiária e assistente de direção e produção com o intuito de me tornar professora na escola, lugar onde fiquei por um ano.

Em 2016, aos 26 anos, assumi uma turma no CPT: 25 alunos entre 6 e 13 anos. Foi uma experiência incrível, dirigi meu primeiro espetáculo, como produto final. No mesmo formato já apontado, ou seja, ensaiava durante 4 meses a montagem de um espetáculo, com minha direção, um roteiro criado por mim e intitulado de “A Praga da Preguiça”, uma comédia infantil. Permaneci no CPT por 4 anos, dirigi cerca de 10 espetáculos infantis e juvenis com crianças e adolescentes, alguns roteiros ainda criados e desenvolvidos por mim, outros inspirados em obras já existentes e outros ainda de autores conhecidos, como Maria Clara Machado¹², dramaturga que eu amava. Ainda como professora, observava e estagiava em outras turmas. Ao todo foram sete turmas como estagiária/assistente.

Muitos me perguntam como eu dava aula sem um diploma de faculdade. Fiquei um ano na assistência de direção e estágio em várias turmas, desde o infantil ao adulto, e sabia tudo do funcionamento do CPT. Os estágios funcionavam da seguinte forma: eu acompanhava um professor e fazia um relatório, um diário com anotações sobre o que acontecia durante as aulas. Nesse diário, eu podia fazer comentários sobre os alunos, abordando comportamento, dificuldades e avanços. Além disso, também era necessário registrar o que estava previsto para a próxima aula. Eu não me sentia confortável em ter que incluir determinadas informações sobre os professores, mas era necessário, pois seria cobrada ao final. O estagiário conduzia o aquecimento vocal e o alongamento, além de realizar alguns jogos teatrais e auxiliar na escolha da trilha sonora, do cenário e do figurino. Durante meus estágios e minha trajetória como professora, adquiri conhecimentos sobre produção e sobre iluminação, já que, como professores, passávamos por todos os processos de montagem de um espetáculo. Era grandioso para mim ver meus alunos no palco, enquanto eu estava na cabine, cuidando e operando a luz e a trilha sonora. Foi uma experiência incrível que me trouxe uma bagagem interessante e formativa. Construí vínculos com meus alunos, o que me fortalecia, eles acreditavam em mim, os pais acreditavam na minha direção e aquilo me deixou feliz, orgulhosa e realizada, durante aquele tempo de trabalho. Acredito que essa experiência me fez ter uma bagagem a ser

¹² Foi uma escritora, dramaturga e atriz brasileira, autora de famosas peças infantis e fundadora do “Tablado”, uma importante escola de formação de atores.

aproveitada em instituições daquele mesmo padrão de abordagem de ensino. Não tenho nenhuma objeção a esse tipo de método ou abordagem. Aprendi que existem várias formas de ensinar teatro e que todas devem ser respeitadas. O trabalho no CPT me proporcionou um currículo muito extenso e importante para a minha profissão. Os quatro anos que permaneci no CPT, foram como uma escola para mim: anos de formação, aprendizado, frustrações, conquistas e realizações. Ver o quanto meu trabalho transformou meus alunos me fez perceber que estava trilhando um caminho bonito e valioso.

Foi a partir da experiência no CPT que decidi tentar o vestibular para a UFMG para ter um diploma e, quem sabe, ser professora em outras instituições. Antes disso não me via em sala de aula, dando aulas de teatro, dirigindo um espetáculo infantil, com apresentações em um dos maiores teatros de Belo Horizonte. Pensava em ser atriz, apenas.

No CPT conheci um professor graduado em teatro na UFMG, o Lucas Fabrício¹³ que me instigou a cursar a graduação como ele. Naquele período eu era a assistente de direção/estagiária dele. Lucas tinha uma outra proposta de abordagem na direção e com os alunos, algo que só fez sentido para mim, após minha entrada na graduação. Quando mencionei meu interesse em ingressar na graduação, Lucas foi uma das pessoas que me deu apoio e contou como funcionava o curso. Não tive esse apoio por parte de outras pessoas do CPT.

Além do Lucas, tive contato com outros professores graduados, Reginaldo Santos¹⁴ e Júlio Vianna¹⁵, que também possuíam uma abordagem e uma direção diferente. Não tive um contato mais próximo com eles, meu contato maior foi com o Lucas.

Quando comecei a ter contato com outros professores graduados, minha intenção de entrar na graduação foi só crescendo; enxergava a necessidade de mudar minha forma de dar aula, conhecer outras abordagens e sobretudo ter um diploma.

¹³ Ator, professor e diretor de Teatro. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes UFMG. Licenciado em Teatro pela UFMG (2015), com intercâmbio na Universidad de Playa Ancha - Valparaíso - Chile (2014) e formado pelo curso técnico do Teatro Universitário - T.U. - UFMG (2012). Foi professor na Escola de Teatro do Centro de Formação Artística e Tecnológica CEFART Fundação Clóvis Salgado MG (2021 - 2023).

¹⁴ Doutorando em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG (2014). Graduado em Licenciatura em Teatro pela Escola de Belas Artes da UFMG (2008). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Teatro e Jogos Tradicionais.

¹⁵ Doutorando em Artes (UFMG) e mestre em Teoria da Literatura (UFMG). Dirigiu, dentre outros, os espetáculos “Uma ideia maluca”, “O ser sepulto”, “Valsa nº 6”, “Que não se esmaguem com palavras as entrelinhas”, “Uma tartaruga chamada Dostoievsky”, “A brincadeira” e “Quixote”.

3. Meu pai morreu sem ver minha entrada na UFMG

Em 2017, aos 27 anos, vivenciei a perda do meu pai. Foi um período de intensa dor, angústia e estranheza. Meu pai enfrentava problemas no fígado e no baço, permanecendo por oito longos anos na fila de espera por um transplante. Na noite de 23 de abril de 2017, por volta das 22 horas, recebi o chamado do Hospital das Clínicas. Do outro lado da linha, a voz do responsável pelos transplantes anunciava que o fígado esperado para meu pai havia sido encontrado. Naquele momento singular, uma mistura de sentimentos se apossou de mim: uma alegria contida misturada com medo.

Recordo-me vividamente de acompanhar meu pai até o hospital naquele dia, que, mesmo diante das incertezas, demonstrava uma determinação inabalável. Passou o dia seguinte realizando uma série de exames e, ao cair da tarde de 24 de abril, foi encaminhado ao bloco cirúrgico. Foi o instante em que a angústia tomou mais conta de mim.

Após horas de espera ansiosa na sala de espera, cercada por outras famílias em igual sofrimento, notei os médicos em conversas reservadas e olhares que pareciam buscar respostas. No entanto, nenhum comunicado foi dirigido a mim e a minha família. Diante do silêncio, decidi abordar uma enfermeira em busca de informações sobre meu pai. Sua resposta contida intensificou minha aflição.

Quase às 23 horas da noite, uma equipe médica se aproximou. O médico que liderava o grupo comunicou, de maneira ríspida e seca, que o transplante fora realizado com sucesso, mas infelizmente uma hemorragia não pôde ser controlada, e meu pai veio a falecer. Meu mundo desabou. Incapaz de expressar minha dor, um sentimento de arrependimento me assolou. Enquanto minha mãe e irmã choravam suas lágrimas ao meu lado, eu permanecia em um estado de choque, sem reação aparente.

Decidi então entrar para ver meu pai. A resposta insensível de uma enfermeira ao meu pedido apenas aumentou a minha dor. Ela falou: “Para quê ver agora, se vai ver amanhã no enterro?” Somente quando outro enfermeiro interveio que consegui ter acesso ao seu leito. Ao vê-lo, de olhos cerrados e coberto por um lençol, uma onda de angústia e desespero me atingiu em cheio. Vi que aquilo era real e que não poderia ser um pesadelo, sem chance de que eu acordasse e o visse ali do meu lado, me chamando para ir ao supermercado, nem estaria na ponta da minha cama, falando sobre seu cartão de crédito.

Por que compartilho essa experiência? Porque durante anos me culpei por ter levado meu pai ao hospital naquele dia. Tornou parte da minha existência, envolvendo-me em um turbilhão de fragilidade e arrependimento. *E se eu não tivesse atendido aquela ligação? E se*

eu não tivesse levado? E se não tivesse feito ele assinar aqueles papeis? Seria diferente? Eu o teria aqui? Não saberia dizer.

Eu desejava profundamente que meu pai estivesse vivo para testemunhar minhas conquistas: entrada na UFMG e diploma universitário. Apesar de suas opiniões quanto ao meu envolvimento com o teatro, sempre senti seu apoio. Nossa relação era estreita; eu o acompanhava em todas as situações, passando noites e madrugadas ao seu lado no hospital. Meus pais foram pilares fundamentais em minha vida, e jamais os abandonaria. Assim como sempre estive ao lado de meu pai, mesmo antes de sua partida, continuo a fazer o mesmo por minha mãe, embora sinta que há quem ache que sou apegada demais.

Falar sobre a morte na nossa cultura não é algo simples. Ao escrever estas palavras, sinto um aperto no peito e as lágrimas caem, encerrando a memória do ano de 2017 como um tempo marcado por uma angústia avassaladora e uma incerteza. Foi, sem dúvida, um ano extremamente difícil.

4. Desafios e conquistas: o caminho até a UFMG

Em 2018, aos 28 anos, participei da prova de habilidades para ingressar no curso de Teatro na UFMG. As etapas da prova eram divididas em duas partes. Recordo-me do primeiro dia, estava tomada por nervosismo, medo e insegurança. Naquele dia, enfrentei a prova de atuação. Era necessário apresentar uma cena e, se não me engano, havia também a prova de voz individual, na qual cada candidato deveria cantar uma música escolhida pelos organizadores da prova. A escolha da música era um desafio, pois era algo estranho para mim; nunca a tinha ouvido antes. Busquei auxílio com um amigo, Wagner Café, que tinha experiência com voz, que ajudou a encontrar o tom adequado.

Para a cena improvisei o figurino e adereços. Optei por uma cena da tragédia grega *Andrômaca* de Eurípedes¹⁶; a peça explora as consequências devastadoras da guerra, foi escrita 426 a.C. e aborda o amor, a vingança e o poder. Escolhi uma cena em que a personagem precisa entregar seu filho a sacrifício: ela se despede dele, mostrando vulnerabilidade e angústia. Uma cena que expressa dor, inseguranças e uma profunda preocupação materna; uma cena difícil, e muito forte. Fiz meu próprio figurino após algumas pesquisas, peguei um tecido branco que tinha em casa, comprei os cordões dourados e customizei – penso que ficou perfeito para a cena. Iniciei decorando o texto, que tinha uma linguagem mais difícil, e ensaiei todos os dias, sozinha. Não mostrei para ninguém e não tinha pedido ajuda a outras pessoas. Eu ensaiava e gravava, para ver como estava ficando, para durar três minutos.

No segundo dia, ainda sentia certa ansiedade e nervosismo. Era o dia da prova coletiva de voz, corpo e improvisação. Fomos instruídos a cantar uma música em grupo e a realizar uma coreografia aprendida no exato momento da prova.

Um episódio engraçado marcou uma das provas. Recebemos a seguinte instrução: "Vocês vão criar uma história improvisada, com início, meio e fim, porém cada um só pode falar uma palavra". Seguimos as orientações, cada um contribuindo com uma palavra, até que chegou a vez de uma das candidatas, que enunciou uma frase enorme. O silêncio se abateu sobre o ambiente, e todos nos olhamos sem saber como prosseguir. Um membro da banca de avaliação encerrou o teste. Saí da prova rindo nervosamente, preocupada que aquilo pudesse afetar o meu resultado.

Chegou o dia do resultado e recebi a notícia de que não tinha ficado entre os 20 primeiros colocados para ingressar no primeiro semestre, tampouco havia passado para o segundo

¹⁶ Poeta trágico grego, do século V a.C., o mais jovem dos três grandes expoentes da tragédia grega clássica, que ressaltou em suas obras as agitações da alma humana e em especial a feminina.

semestre – as provas de Habilidades Específicas do curso de Teatro aprovam 40 estudantes, divididos em duas entradas semestrais. Meu sonho de entrar na Universidade morreu ali, pois fiquei entre os excedentes.

Segui minha vida, deixando aquele episódio para trás.

Entretanto, em 28 de agosto de 2018, recebi um e-mail informando sobre a 7ª chamada e solicitando que levasse a documentação para efetuar minha matrícula. Meu coração disparou e uma emoção avassaladora me invadiu. Fiquei extremamente feliz e desejei gritar para todo o mundo que havia sido aprovada e que estudaria Teatro na UFMG. A notícia chegou em um momento muito oportuno. Uma porta havia se fechado, estava sofrendo bastante, mas a oportunidade mostrava que eu tinha um potencial gigantesco que eu não reconhecia, e que não deveria desistir. Apesar de ter obtido uma boa nota na prova de Habilidades Específicas, não tinha esperanças, pois havia tirado algo como nota 500 na redação do Enem¹⁷. Não imaginei que 6 pessoas desistiriam e que chegasse a minha vez. Sou religiosa, acredito que Deus preparou tudo para mim e mostrou naquele momento que tudo acontece no momento certo, e que eu precisava acreditar em mim.

Vou comentar algo sobre a escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso. A professora Marina Marcondes Machado¹⁸, minha orientadora, me indicou um livro que me ajudaria a trazer filosofia e a estética para minha escrita, sem precisar perder a minha essência e meu jeito de escrever. Ela me emprestou o livro *Estética & Educação* de Gabriel Perissé¹⁹ (Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009).

Confesso que no início de minha leitura, no primeiro capítulo, eu não entendia nada e comecei a ficar confusa, me perguntando por que a Marina havia me indicado esse livro. Por vezes lia mais de uma vez e até desistia de seguir, então fui “dar um google” no autor para conhecê-lo, encontrei o Instagram e um canal no Youtube, e, a partir dessa pesquisa, resolvi continuar a leitura sem voltar no início. Quando cheguei no capítulo II a leitura começou a fazer um pouco de sentido. De início eu pensava que eu quase não teria citações no meu texto, ou usaria trechos de outros autores; a partir do livro comecei a enriquecer minhas referências.

¹⁷ Exame Nacional do Ensino Médio. Uma prova que dá acesso às instituições de ensino superior. Foi criado pelo MEC e lançado em 1998.

¹⁸ Professora-artista, escritora e pesquisadora das relações entre infância e cena contemporânea. Fez psicologia pela PUC-SP (1998). Mestrado em Artes na ECA-USP (2001), Doutorado em Psicologia da Educação na PUC-SP (2007). É Docente na graduação em teatro na UFMG. Orientadora desse trabalho de conclusão de curso.

¹⁹ Professor, palestrante, tradutor e escritor brasileiro. Formou-se em letras pela UFRJ em 1985, obteve em São Paulo o grau de mestre em Literatura Brasileira (1989) pela USP, estudando a obra do poeta Carlos Nejar.

Em seu livro Perissê fala de como a estética pode enriquecer a experiência educacional, algo que pode ajudar a desenvolver uma compreensão mais profunda do mundo, nos incentivando a uma reflexão crítica e a uma expressão pessoal. Então logo entendi que minha escrita precisava desenvolver uma sensibilidade para enriquecer o relato de minha experiência vivida, já que eu entrei na graduação como professora de teatro, fora da Universidade. Entrar na UFMG já na docência, me fez ter uma certa dificuldade de desgarrar de algumas ideias formadas e compreender os ensinamentos dos professores – talvez por estar fechada, ou por achar que existia apenas um meio, uma única verdade... e o resto seria perda de tempo.

No primeiro semestre de 2019, meu segundo período de curso, senti uma vontade desenfreada de fazer várias disciplinas. Tinha a sensação de ficar na UFMG vinte e quatro horas por dia. Me matriculei em sete disciplinas, uma carga alta. Naquela época, eu ainda dava aulas no Centro de Pesquisas Teatrais, então meu trabalho cobria meus gastos. Trabalhava como *freelancer* em eventos, festas infantis e casamentos. Estudava de segunda a sexta e trabalhava à noite e nos finais de semana. Dava aula aos sábados, o que facilitava de certa forma a minha dedicação ao curso durante a semana.

Entre aquelas sete disciplinas, havia me matriculado na disciplina Teorias do Ensino do Teatro; antecipei sua realização, estava cursando o segundo período e essa era para ser cursada no terceiro, eu era “um bebê”, como dizia Marina em suas aulas. Foi a partir dessa disciplina que minha cabeça explodiu e Marina me colocou em outro lugar, meus pensamentos foram bagunçados e começaram a surgir questionamentos em relação ao que eu acreditava sobre o ensino do teatro para crianças e jovens. Eu ministrava aulas de teatro em um curso livre que tinha como produto final um espetáculo. Quando a professora Marina, hoje minha orientadora, começou a discutir o que ela nomeia de “espetaclinho”, pensei: *Nada a ver, não faz sentido nenhum não ter uma apresentação final*. Pensava assim porque vinha de uma experiência de obrigatoriamente ter um produto final, algo que, por vezes, não parecia levar em consideração o processo, visto que o espetáculo era algo esperado pelos pais e alunos, era o intuito e objetivo maior do curso, e não o aprendizado de teatro e a expressividade. Hoje percebo que existia ali uma certa rigidez metodológica, mostrando apenas um caminho possível. Conhecendo o professor Lucas Fabrício, vi que existia outros caminhos possíveis para se chegar em um resultado ou produto final.

A jornada de criar uma peça, os desafios enfrentados e as descobertas feitas ao longo do caminho foram essenciais para o meu aprendizado e para a minha experiência como diretora teatral.

Passei o semestre todo achando que tudo era uma bobagem, mas estava cega no meu mundo, sem enxergar outras possibilidades e perspectivas: a que experienciei era a única e bastava. Quero ressaltar que em momento algum a professora desmereceu qualquer tipo ou linha de trabalho, apenas propunha outras abordagens. Fui entender isso só mais tarde. Talvez se eu estivesse mais aberta, poderia ter absorvido ainda mais os conteúdos dessa disciplina e poderia ter começado a experimentar novas formas de ensinar teatro.

Outros detalhes daquela disciplina eram alguns livros espalhados no chão da sala, e o fato de que cada aluno tinha seu crachá com o nome escrito por Marina. Isso ajudava a professora a memorizar os nomes e incentivava o interesse pela leitura e conhecimento dos livros expostos, alguns dos quais ela usava e citava durante a aula.

Não posso esquecer de comentar as performances. Lembro vagamente de uma que ela se enrolava em um tapete gigante, pedia para que a gente a enrolasse e, de repente, ela mandava parar. E ficava ali por um minuto. Eu ficava sem saber o que poderia fazer, desenrolá-la? Fumá-la? Ela ficava parecendo um charuto.

Foram aulas divertidas que mostraram outro mundo, outra realidade, que não faziam parte de onde eu estava inserida. Até então, aquela perspectiva era algo que eu não acreditava, e pensava: *Será que estou “apenas” pagando minhas contas?* Eu defendia com afinco o "espetaclinho", que na verdade, para mim, não era algo no diminutivo, pois me sentia muito orgulhosa com os resultados dos alunos, sendo o intuito do curso, já que os pais e mães pagavam para obter um produto, e obtinham.

Saio daquele semestre entusiasmada e renovada para explorar novas abordagens e com interesse em fazer outras disciplinas com a Marina. E no início desta jornada, jamais imaginei que a Marina seria minha orientadora no Trabalho de Conclusão de Curso, mas nutria o desejo de dedicar meus estudos às infâncias, por já estar inserida nesse universo. Pretendia refletir sobre minha longa trajetória trabalhando com crianças desde os meus 17 anos de idade na recreação infantil.

Nunca me imaginei fazendo outra coisa e estava certa de que minha escrita seria nesse campo. Desde que entrei na UFMG tinha a clara intenção de seguir a profissão de Professora de Teatro Infantil. Meus colegas me aconselhavam a escolher a Marina como orientadora, destacando sua grande experiência na área. Inicialmente não cogitava que ela poderia ser minha orientadora.

Durante meu percurso mudei de ideia várias vezes, e em determinado momento não tive clareza do que realmente queria fazer ou seguir como pesquisa. Não sabia que isso era comum,

que a cada semestre mudaria a decisão do que eu ia fazer, e sentia-me frustrada. Com o tempo fui entendendo que tudo é um processo contínuo e que ter paciência era essencial.

Veio o segundo semestre de 2019, meu terceiro período no curso, e Marina ofertou uma disciplina optativa de Dramaturgia, intitulada Tópicos em Teatro C: Novas Dramaturgias para não atores. Senti um enorme interesse em participar, seria a primeira disciplina de dramaturgia que eu faria com a Marina. As aulas eram participativas e envolventes. Novamente, utilizávamos crachás, mas havia uma novidade divertida: Marina perguntava para cada um de nós: "Sorteio ou Sovaco?". Basicamente, cada aluno escolhia se queria ler o próprio texto, entrando no Sorteio, ou, optar pelo Suvaco significava não ler. Quando alguém escolhia "Sovaco" a professora colocava o crachá debaixo do braço, gerando risos e trazendo leveza para as aulas.

As aulas começavam com uma introdução a partir de textos lidos e as criações eram feitas a partir de algo que a Marina propunha. Utilizávamos os verbetes do *Dicionário de Teatro* de Patrice Pavis (1998). A obra apresenta um vasto conjunto de termos teóricos e técnicos, abordando questões importantes da dramaturgia, estética e antropologia. Pavis aborda a dramaturgia não apenas como o trabalho do dramaturgo ou autor, mas como um processo que envolve a criação e organização dos elementos dramáticos para gerar uma narrativa coerente e significativa.

Na maioria das vezes eu escolhia o Sorteio, mas em momentos de bloqueio criativo optava pelo Suvaco.

Lamento não saber onde guardei essas escritas, seria fascinante revê-las, para enriquecer o texto narrativo deste TCC. A disciplina gerou em mim muito apreço pela dramaturgia, experiência que enriqueceu minha prática de escrita no CPT, trazendo novas perspectivas e formas de escrever. Marina despertou em mim a vontade de me envolver com o estudo da dramaturgia, e o fato de não haver prova final, todas as avaliações baseadas em exercícios e escritas em sala de aula, me aproximou ainda mais das abordagens da professora, aumentando meu desejo de cursar outras disciplinas com ela.

5. Reflexões e transformações: um ano de pandemia em minha jornada acadêmica

No primeiro semestre de 2020 o mundo viveu uma pandemia, o Coronavírus (COVID 19) surgiu de forma assustadora, lançando uma sombra sobre todos os aspectos da minha vida e de todos, mundialmente. Naquele momento pensei que nunca mais poderia trabalhar com teatro e que minha empresa, recém-aberta em agosto de 2019, seria fechada, e eu teria que optar por voltar a trabalhar com carteira assinada, por oito horas diárias – algo que não queria que acontecesse, pelo menos naquele momento. O fechamento dos comércios, cancelamento de festas, eventos e teatros intensificaram a sensação de desamparo. Os casos de COVID aumentavam a cada semana, e as incertezas e frustrações começaram a surgir, gerando uma sensação de perda total. Cheguei a pensar que jamais voltaria a frequentar lugares que eu tanto amava. A pandemia trouxe consigo uma nuvem de incertezas, obscurecendo o futuro e instigando reflexões sobre a fragilidade de nossos planos e sonhos. A sensação de perda era avassaladora, como se um capítulo da minha vida tivesse se encerrado bruscamente. Mas, também houve espaço para a resiliência e a redescoberta de forças internas, que permitiram a mim e a muitas pessoas continuar em meio ao caos, encontrando novas maneiras de seguir em frente.

Os encontros presenciais com amigos não eram mais permitidos; passamos a usar máscara para ir em supermercados, para toda rotina tinha a regra do distanciamento, e o uso constante do álcool em gel tornou-se essencial. Durante a pandemia percebi o quão importante é aproveitar os bons momentos da vida, os amigos e a família. Sem romantizar, foi um período difícil, porém também um ano desafiador, que nos trouxe reflexões importantes e necessárias.

Naquele período de incertezas, decidi me desligar do CPT; o formato do curso começou a sofrer alterações e eu não conseguiria continuar por ter outras prioridades – e por acreditar que o teatro era essencialmente presencial. Assim encerrei meus quatro anos de CPT. Foi uma experiência extraordinária, que levarei para a vida toda; uma oportunidade única de crescer e me desenvolver como professora e atriz.

As aulas na UFMG pararam por um semestre e depois passaram a ser *online*, através da plataforma *Microsoft Teams*. Foi uma adaptação difícil, com novas formas de abordagem e ensino. Vivemos juntos esse período e enfrentamos dificuldades. Eu estava receosa, pensando que seria ruim fazer teatro *online*, pois, como disse, para mim o teatro era presencial. Tive dificuldade de concentração e detestava abrir a câmera. No início, achava horrível fazer prática teatral *online*. Devido a essas dificuldades, decidi deixar algumas disciplinas para quando as

aulas presenciais voltassem – não sabia quando isso ia acontecer, ou se teria essa oportunidade, mas decidi arriscar.

Assim, nesse primeiro ano de pandemia, me matriculei em duas disciplinas. Antes do surto de Coronavírus estávamos felizes fazendo a montagem com a professora Mariana Muniz: tínhamos definido o texto *Fedor* de Jose Antônio de Souza e já estávamos experimentando os personagens. Quando a professora Mariana Muniz²⁰ enviou um e-mail dizendo que a disciplina mudaria para uma outra estrutura; decidi trancar.

No segundo semestre de 2020, ainda em meio à pandemia e cercado de incertezas, tudo se tornou ainda mais complicado. Os casos de COVID-19 estavam ainda mais frequentes e o número de mortes aumentou de forma absurda. Continuamos com as aulas *online*.

Optei por pegar uma carga menor de disciplinas no segundo semestre de 2021 e resolvi antecipar a disciplina Pesquisa em Artes Cênicas, que era ofertada no sétimo período. Não saberia dizer se isso foi uma boa ou péssima escolha, foi algo extremamente angustiante e doloroso. Além de ser *online*, eu tinha muita dificuldade para escrever no formato acadêmico. Sabia sobre o que queria falar, mas não conseguia materializar uma escrita clara, padronizada e conclusiva. Nessa disciplina, o processo de escrita parecia ser algo muito difícil. Eu pensava que seria reprovada – tanto na disciplina, quanto na minha defesa de TCC.

Foram dias e meses angustiantes e ansiógenos, tive muita dificuldade de compreensão e aprendizado. Me sentia bloqueada, ainda mais com tudo que estava acontecendo ao meu redor: sem trabalho, vivendo do básico e não podendo ajudar em casa. Vivíamos eu, minha mãe e meus dois irmãos. Minha irmã tinha emprego fixo, meu irmão trabalhava com manutenção de ar-condicionado e eu, que trabalhava com Eventos, fiquei sem trabalho. Isso me deixava chateada, frustrada e preocupada.

Escolhi escrever meu projeto em uma linguagem que qualquer pessoa poderia entender, no entanto o monitor da referida disciplina disse que faltavam palavras mais elaboradas e bonitas no meu texto. Que palavras bonitas eram essas? Depois entendi que ele se referia a palavras mais difíceis. Me perguntava várias vezes se eu tinha que entregar algo à sociedade por ter estudado em uma Universidade pública, por que entregar algo que as pessoas não entenderiam e que talvez teriam que pesquisar, palavra por palavra, para compreender? Utilizar

²⁰ É atriz, diretora teatral e Professora Titular na Pós-graduação em e na Graduação em Teatro da UFMG. Fez o Pós-Doutorado na Universidad de Buenos Aires com Jorge Dubatti. É doutora em Teatro pela Universidad de Alcalá e graduada em Interpretação Gestual pela RESAD (Espanha). Trabalhou como diretora e/ou atriz com diversos coletivos: Grupo Galpão, Uma Companhia, Jogando no Quintal, Cia. Bárbara, Galpão Cine-Horto, Impromadrid e Toda Deseo.

uma linguagem difícil para ter “um texto bonito” era desconfortável. Falar sobre crianças naquele ano, era confortável para mim.

Até um certo momento a professora Mônica Ribeiro²¹ considerava meu projeto confuso, mas para mim fazia muito sentido, estava na minha zona de conforto para falar algo sobre meu cotidiano. Relaciono meu desejo de escrita a Artaud:

A verdadeira arte é a que rompe com todas as formas estabelecidas, que se liberta das amarras das convenções e das expectativas alheias para se revelar em sua essência pura e crua. (Artaud, 1974, p. 12)

Isso está alinhado com meu desejo de manter a escrita como um espaço de expressão genuína e pessoal, livre das expectativas externas. Artaud enfatiza a importância da liberdade na arte, afirmando que devemos romper com as expectativas convencionais e permitir que nossa essência criativa e pessoal se manifeste.

De fato, eu não queria me encaixar em uma “caixinha fechada” e acadêmica, sem possibilidades de expansão no campo pessoal, pois a escrita passa a ser sobre o outro, ou sobre o que o outro quer que você seja, sobre o que o professor(a) quer que você seja.

No primeiro semestre de 2021, ainda utilizávamos máscaras e as aulas continuavam sendo *online*. Nesta fase, já estávamos mais familiarizados com o ensino à distância e a rotina começava a fazer mais sentido. Me matriculei apenas na disciplina Análise da Prática de Estágio I, pois havia começado a trabalhar com *telemarketing*. Meus trabalhos no setor de eventos haviam diminuído drasticamente e eu precisava de uma fonte de renda estável. A disciplina naquele semestre foi ministrada pelo professor Ricardo Figueiredo²².

O Estágio I é uma experiência de observação de algum docente de artes ou teatro; como estávamos na pandemia, o professor autorizou que realizássemos o Estágio no Teatro Universitário, curso técnico de teatro da UFMG e que também estava com aulas *on-line*, o que contribuiu muito para meu aprendizado e facilitou a realização do estágio de observação.

²¹ Doutora em Artes-PPG Artes da EBA/UFMG. Possui Graduação e Mestrado em Letras/UFMG. Especialista em Neurociências e Comportamento pelo /ICB-UFMG e Neuropsicologia pela FUMEC. Atriz e dançarina, preparadora corporal, diretora Professora Associada do departamento de Artes Cênicas da Escola de Belas Artes da UFMG, com atuação no curso de Graduação em Teatro. Professora permanente da Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG. Coordenadora da Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG (2018-2020).

²² Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais (curso de Graduação em Teatro e Pós-Graduação em Artes/UFMG). Licenciado em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto, Especialista em Arte-Educação (2006) pela PUC-Minas, Mestre (2007) e Doutor (2014) em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Realizei a observação da disciplina “Expressão Corporal I” ofertada pelo professor Tarcísio Ramos²³. O Teatro Universitário é um curso técnico em teatro, equivalente ao Ensino Médio e é oferecido pela UFMG há sete décadas. Com a pandemia o projeto pedagógico foi repensado, até chegar em um formato que atendesse as demandas dos alunos e professores.

Observei 8 encontros assíncronos e 8 encontros síncronos, e o professor utilizou a plataforma *Microsoft Teams*. O novo projeto político pedagógico da escola e oferecido na pandemia buscava maior diversidade de professores por turma, com encontros concentrados, e com um número maior de professores. Flexibilizando as ementas, nessa proposta, as aulas se tornaram mais adaptáveis ao modo remoto, tais como oficinas, incentivando a pesquisa e a experimentação artística. Cada turma foi separada em dois grupos, minimizando perdas na aprendizagem e fortalecendo a atenção necessária.

Assim os discentes conviveram com a diversidade de experiências no ensino de teatro e criaram aproximações efetivas entre a atuação e os recursos digitais. A disciplina Expressão Corporal I foi ofertada como uma oficina chamada de “Gestos sutis, movimentos vitais (Introdução as Lian Gong 18 terapias)”, e consistiu em um conjunto de exercícios que visavam a prevenção e o tratamento de dores no pescoço, ombros, cintura, pernas e doenças crônicas. *Lian Gong*²⁴, na língua chinesa, significa trabalho persistente e prolongado de treino e exercício do corpo físico (músculos, tendões e ossos), com objetivo de transformá-lo “de fraco para forte” e de doente para saudável. O Lian Gong em 18 Terapias é uma técnica que une a Medicina Tradicional Chinesa e a Moderna Medicina Ocidental com as artes guerreiras e os antigos exercícios terapêuticos. Tem o objetivo de prevenir e tratar de dores no pescoço, ombros, cintura, pernas, e tratar doenças crônicas, assim como prevenir de doenças que atingem os ossos, tendões e músculos. A disciplina permitia que os estudantes no contexto pandêmico pudessem praticar exercícios físicos que exigissem um mínimo de espaço físico, possibilitando mais saúde física, mental e emocional.

Toda minha trajetória de estudo estava direcionada para a infância nessa época, e só nesse semestre, acompanhando o T.U., que vi a necessidade de também me aprofundar no Ensino Médio / curso técnico, para ter um entendimento mais amplo acerca do ensino de teatro.

²³ Artista de Dança, dramaturgista e professor de dança, consciência e preparação corporal para atores no Teatro Universitário/ EBAP UFMG - Escola de Educação Básica e Profissional. Graduado em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto (2006). Mestre e Doutor pela Escola de Belas Artes da UFMG (2008).

²⁴ Prática chinesa composta por exercícios que podem ser praticados em qualquer lugar, inclusive em casa, e que ajudam a aliviar dores, estresse, melhorar o humor e a disposição, dentre outros benefícios.

Naquela disciplina falamos muito do corpo. Já de início discutimos um texto muito necessário, intitulado “Com que corpo eu vou” de Maria Rita Kehl. O texto fala das cobranças de um corpo perfeito para a sociedade, ironiza as cobranças e estéticas estabelecidas para ter / ser algo aceitável. Ainda analisa como as normas estéticas influenciam a forma como nos relacionamos com nossos próprios corpos e com os corpos alheios:

A sociedade impõe um padrão de corpo que é muitas vezes inatingível para a maioria das pessoas, criando uma pressão constante para que todos se ajustem a esses critérios. Esse padrão não apenas é excludente, mas também desconsidera a diversidade natural dos corpos humanos. (Kehl, 2016, p 32)

A autora fala da exclusão e o impacto psicológico negativo associado à busca por um ideal de corpo que não reflete a diversidade real, enfatizando a necessidade de promover uma visão mais inclusiva e realista da aparência corporal.

O corpo é um território onde se desenham as marcas da cultura. E essas marcas são, muitas vezes, o resultado de pressões sociais que ditam o que é considerado ideal ou aceitável. A discussão sobre o corpo não deve ser apenas sobre a conformidade com esses padrões, mas sobre a compreensão e a aceitação das diferenças e da própria identidade corporal. (Kehl, 2018, p. 45)

No seu texto *Imagem do Corpo na Sociedade Contemporânea*, Kehl aborda a influência das normas culturais e sociais sobre a percepção do corpo. Ela faz uma crítica sobre as imposições estéticas que moldam a visão que as pessoas possuem sobre o corpo perfeito, enfatizando a importância de compreender e aceitar as vivências corporais.

Lembro de entrarmos em uma discussão muito produtiva, alguns alunos colocaram em questão a realidade de seus corpos e sua vivência no dia a dia. Foi muito importante discutir a cultura do corpo. A partir da leitura desse texto que decidi rever mais o que penso sobre meu corpo e o que as pessoas pensam sobre ele. Foi pertinente o professor abrir um espaço e gerar essa vontade dos alunos de irem além, abrindo um leque de assuntos que podem ser discutidos ou aprofundados, gerando interesse e atenção.

Fazer o Estágio 1, de observação, na disciplina do Tarcísio, acrescentou muito para o meu aprendizado. Eu já havia feito estágio em outras instituições; como citei anteriormente, cada escola é um aprendizado novo. Por ser uma disciplina de corpo, me fez repensar muito em relação a pré-julgamentos e visões relacionados ao nosso corpo, e isso abriu minha mente como aluna e como futura professora. Criei uma admiração muito grande pelo professor Tarcísio, é como se me servisse de espelho – algo difícil, pois nem sempre temos identificação ou admiração por um professor.

O formato utilizado contribuiu para que as aulas não ficassem monótonas e cansativas. Como foi um Estágio de Observação e não fiz nenhum tipo de monitoria, não posso dizer algo na prática de como foi a experiência. Há quem diga que teatro não é terapia e que não tem função de curar, no entanto, o teatro pode abrir a mente das pessoas, e com isso, fazer enxergar possibilidades infinitas. Acredito que o teatro pode ser terapêutico, dependendo do ponto de vista de quem faz e o que a pessoa experiencia fazendo. Peter Brook afirma que o teatro proporciona um espaço onde os indivíduos têm a oportunidade de enfrentar suas próprias realidades, explorar suas aspirações e medos mais profundos. O teatro pode oferecer novas perspectivas e criar oportunidades inesperadas.

Foi nesse semestre que surgiu em mim a vontade de estagiar em uma escola pública; o ensino técnico foi bem importante e interessante de acompanhar, mas não era onde gostaria de trabalhar, mas foi bom passar por outras vivências fora da infância.

Na disciplina de Estágio 1, além das observações no T.U, tínhamos alguns encontros com o Ricardo. Nas aulas discutimos “A escola como um espaço sociocultural”, um texto de Juarez Tarciso²⁵ que fala sobre a importância da escola, não apenas como um local de aprendizagem, mas também como um espaço fundamental para o desenvolvimento social e cultural dos indivíduos, um ambiente de interação entre a educação formal e a formação cultural, preparando o indivíduo para participar de forma ativa na sociedade.

Eu acredito que a escola tem o poder de transformar os alunos. O professor tem esse poder, contribuindo para a formação do aluno que aprende seus direitos e deveres, aprende a conscientizar-se, criticar, incentivando a participação dos mesmos na sociedade. A escola é um local onde se promove a inclusão, o respeito e valorização da diversidade, a compreensão da origem social, étnica e cultural dos alunos. É também na escola que se oferece um espaço para diálogos e reflexões sobre questões políticas, sociais e culturais, desenvolvendo um pensamento independente. Embora não seja assim em determinadas escolas, onde já presenciei a falta de espaço para os alunos participarem ativamente de programas e melhorias na escola. De todo modo, a escola deveria preparar os alunos para serem pessoas ativas e conscientes capazes de participar de forma plena na sociedade.

A escola é vista como uma instituição única, com os mesmos sentidos e objetivos, tendo como função garantir a todos o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente acumulados pela sociedade. Tais conhecimentos, porém, são reduzidos a

²⁵ Graduado em Ciências Sociais e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo. Realizou pós-doutorado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Foi pesquisador do CNPQ. Atualmente é professor aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais. Fundador e integrante do Observatório da Juventude da UFMG

produtos, resultados e conclusões, sem se levar em conta o valor determinante dos processos. (Dayrell, 1996, p. 4)

Esse trecho me fez refletir sobre o meu papel como professora. *Será que é só mesmo ir lá passar um conteúdo de um livro, fazer os alunos copiarem, passar uma prova e pronto?* Avaliar o progresso de um aluno somente a partir de uma prova ou produto final seria mais valioso do que analisar seu processo, o que se conseguiu ganhar e construir ao longo do semestre?

Foram surgindo alguns questionamentos em minha cabeça, pois havia passado pela disciplina de Teorias do Ensino do Teatro, que trouxe um pensamento diferente do que vivenciei e acreditei por longos anos. Antes pensava que a escola estava ali só para ensinar o aluno a ler e a escrever, o que era ignorância da minha parte. Só após entrar na Universidade que passei a entender o real motivo e o intuito da escola.

A escola, assim como a Universidade, possui diferentes grupos sociais e culturais, que interagem e aprendem a conviver, respeitando e promovendo socialização e construção de uma sociedade mais inclusiva e diversa. Posso dizer isso entre os alunos, pois ainda vejo que, em determinados momentos, alguns professores não atentam para que cada um tenha o seu processo, as suas vivências, a sua forma de falar, de abordar determinados assuntos. Sei que é complicado um professor entrar verdadeiramente em contato com cada aluno, mas é fundamental entender o contexto de um ou mais alunos, a partir da convivência e diálogo, a partir da escrita e do fazer artístico. Dayrell discute que cabe sim ao professor ensinar, materializar e transmitir seu conteúdo, mas que muitas das vezes os professores não percebem (ou não levam em conta) as relações dentro da sala de aula, o que faz com que o professor perca a oportunidade de potencializar a aprendizagem.

6. Do planejamento à prática: ensinando teatro e explorando a dramaturgia

No primeiro semestre de 2022 iniciamos as aulas presenciais, seguindo todas as medidas, uso de máscara, álcool em gel e distanciamento. Esse retorno foi um alívio para todos. Decidi me matricular em quatro disciplinas, porém cometi o erro de me inscrever em dois estágios no mesmo período, Análise da Prática de Estágio II e III. Além disso, me matriculei em duas disciplinas ministradas pela professora Marina: Prática de Ensino C: Laboratório de Práticas Teatrais Dramatúrgicas e Prática de Ensino D: Seminário de Teatro e seu Ensino.

A disciplina de Análise da Prática de Estágio II foi ministrada pelo professor Maurilio Rocha²⁶. Nessa disciplina montamos um projeto de aulas de teatro; Maurilio nos ensinou toda a etapa de uma construção de um plano de aula. Desenvolver um projeto de regência não parecia simples; decidi fazer planos de aula relacionados à experiência de contação de história no Ensino Fundamental. A proposta da contação de história pretendia que o aluno pudesse reconhecer e experimentar diversas linguagens artísticas, experimentando o trabalho coletivo e colaborativo, exercitando a imaginação e o faz de conta, experimentando o lugar do outro, apreciando formas distintas de manifestações do teatro. Aprender a ouvir e contar histórias com diferentes entonações e criando seu personagem. Como diz Célia Costa:

A contação de histórias não apenas promove a imersão dos alunos no mundo da literatura, mas também estimula a criatividade e o desenvolvimento cognitivo, ao permitir que os indivíduos explorem e experimentem novas formas de expressão e comunicação. (Costa, 2011, p. 45)

Acredito que a contação de história é de extrema importância para que os alunos tenham acesso à literatura, que tenham possibilidades criativas de cultivar o imaginário, construir um repertório ficcional, explorar a teatralidade dos gestos e das ações cotidianas, experimentando o trabalho coletivo. Meu plano buscava experimentar processos criativos e narrativos, trabalhando a oralidade e a escuta. A contação de história permite que o contador faça conexão com o outro, construindo identidades, estimulando a imaginação, além de auxiliar no desenvolvimento físico e cognitivo.

As fontes fundamentais daquele projeto vieram a partir de trabalhos e livros de Cléo Bussato²⁷ que pensa a contação de história como treino para as emoções; o seu livro *Quatro*

²⁶ Professor Associado do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Belas Artes da UFMG onde leciona na graduação (Licenciatura e Bacharelado em Teatro) e na pós-graduação (Mestrado e Doutorado em Artes). Coordenador do Mestrado Profissional em Artes (PROFARTES) na UFMG (2014-2016). Coordenador do Programa de Pós-graduação em Artes da UFMG (2012-2013).

²⁷ Cléo Busatto é uma artista da palavra. Autora de mais de 40 obras, incluindo ficção, não ficção, livros infantojuvenis e mídias digitais.

histórias de amor para pequenos leitores o autor inova também na estrutura literária, com quatro narrativas, aparentemente independentes, em formato de prosa poética.

Bussato afirma que a importância do ato de contar histórias é imensa, pois pratica uma atitude multidimensional. Vindo de outros semestres e disciplinas que me fizeram expandir meu pensamento sobre ter um produto final ou prova, no meu projeto coloquei como avaliação final uma conversa no final do processo. A avaliação seria diagnóstica, desde a primeira aula e até o final, levando em consideração a participação dos alunos, o engajamento, a evolução e assimilação dos jogos teatrais com a proposta de contar a história. Os grupos falariam como foi o processo, suas dificuldades, avanços, percalços e aprendizado, expondo seus sentimentos em relação as aulas e o momento da contação da história.

Estava empolgada em poder realizá-lo em uma escola, porém por ter feito os Estágios II e o III no mesmo semestre não consegui colocá-lo em prática. Pretendia trabalhar com ele no próximo semestre (Estágio IV), porém senti que não teria abertura por parte da professora, e também percebi que não era algo que dialogasse com a proposta do professor Vinícius Lirio²⁸, faltava algo naquele projeto para torná-lo poético e estético; então, engavetei a ideia.

Vinícius trouxe outras abordagens que vinham de certo modo de encontro com as abordagens da Marina; todo início de semestre vivia esse embate, questionando sobre outros caminhos pedagógicos. Mas, no final, chego à conclusão de que são caminhos e abordagens que fazem total sentido – e que tenho a escolha de usá-los ou não.

Vinícius falava sobre seu percurso e sobre a época dos seus Estágios e sobre relatos dos alunos que já passaram pelos Estágios; em todos, acontece a criação de um projeto ou plano de aula, e a elaboração de um relatório final. O processo era o mesmo, trazendo angústias, ansiedade e frustrações. Um processo que deveria ser transformador, instigante e provocador, era vivido por mim como algo difícil e sofrido – confesso que em alguns momentos em meus Estágios nas escolas foram assim, frustrantes. Mas as aulas com o Vinicius eram instigadoras e provocadoras. Passei a aceitar as frustrações e a não criar expectativas; sabia que, de certa forma, não teria a oportunidade de praticar tudo que estava desenvolvendo, uma vez que meus dois Estágios foram com professoras das Artes Visuais.

Quando a Cartografia foi mencionada veio meu desespero, *o que seria aquela Cartografia? Quais são as etapas? O que precisa ter ou fazer em uma cartografia? Cartografia*

²⁸ Professor Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), atuando nos cursos de Licenciatura em Teatro, Pedagogia e no Mestrado Profissional em Educação e Docência (Promestre). É Doutor e Mestre em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Licenciatura em Teatro, também pela UFBA. Além disso, é encenador, ator e performer.

etnológica? Poética? Mapeamento? Onde Vinicius pretende chegar com isso? Era tantas perguntas que eu ficava confusa de início.

A cartografia poética é uma forma de mapear nossas experiências no Estágio, uma ferramenta para expressar nossos sentimentos, o que enxergamos e interpretamos. Nessa disciplina tínhamos que construir nossa Cartografia Poética, para que o outro pudesse observar nossas experiências e sentimentos na nossa perspectiva.

Vinicius busca na metodologia da cartografia unir diferentes elementos, para que os estudantes de Estágio possam construir e deixar surgir fenômenos poéticos, registrar e analisar os fenômenos em tempo real. Uma ferramenta dinâmica para explorar e compreender a expressão poética.

Custei a entender o tipo de escrita que ele propunha, mas, aos poucos, fui me situando para compreender o processo.

Os próximos passos eram de interação com processos da escola, observando os espaços, abrindo a escuta, realizando registros e mapeando da escola, observando as relações construídas entre os alunos e o ambiente escolar. O estágio era dividido entre observar a escola e reger algumas aulas, para que nós alunos pudéssemos vivenciar uma sala de aula como professor estagiário.

Vinicius, assim como Marina, defendia o uso de um diário de bordo²⁹, onde escrevíamos sobre o nosso dia na escola; eram registros descritivos, criação de narrativas que nos deixa ver e criar imagens, era um recurso pedagógico que contribuía muito para o desenvolvimento da etnografia e da cartografia final. Me arrependo de não ter escrito mais e explorado a prática do diário com informações mais detalhadas.

Trago um trecho das minhas observações, anotado em meu Diário de bordo:

“Estava na hora do recreio, crianças correndo de um lado para outro, eu sentada no canto do pátio com meu caderninho e minha caneta, observando as crianças. Era meu segundo dia de observação. No meio do pátio, uma monitora que estava em posse de um microfone, a cada criança que ela via correndo ela gritava no microfone: “Enzo não pode correr, Valentina já falei que não pode correr”. As crianças corriam como se não houvesse amanhã, o que é típico da idade delas, e por ser um momento de diversão ali. O horário do recreio é um dos mais esperados, depois do horário de ir embora. Uma criança se aproxima com uma mão fechada e outra na boca, mostra a boca para a monitora, a monitora brava grita: “Eu não falei que era para parar de correr? Quem mandou correr?” A criança abaixa a cabeça e corre para o banheiro.” (Diário de bordo, 2022)

²⁹ É um registro documentado de atividades, observações, é utilizado para registrar atividades, progressos, ideias e desafios enfrentados. Inclui detalhes como datas, horários, descrições de atividades, nomes de participantes e observações relevantes.

Os nomes dos estudantes apresentados no diário de bordo são inventados para preservar sua identidade e não exposição.

Fiz Estágios em várias turmas do Ensino Fundamental, para conseguir cumprir a carga horária do semestre. O meu projeto de poética, feito durante o semestre na orientação do professor Vinícius, não foi usado na escola, mas foi interessante para desenvolver e criar um projeto autoral. Foi a partir dessa experiência que tive a ideia de imaginar meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre Dramaturgia Cotidiana.

Meu projeto de poética, inclusive, já se chamava “Dramaturgia Cotidiana” e tinha como objetivo trabalhar possibilidades dramatúrgicas a partir de vivências e experiências cotidianas. Uma tentativa de seguir escutando alunos e desenvolvendo suas histórias, com o intuito de torná-los protagonistas. Sinto a necessidade de ter abertura para conhecer o aluno, me interesse pela história dele, gostaria de dar uma importância maior: ouvir e não apenas escutar. Deixar que o outro conte e sinta a necessidade de ouvir.

O projeto de poética era dividido em: Saberes e Fazeres, Agenciamento de Saberes e Fazeres, Poética. Depois, vinha a Sequência para a criação: Sensibilização, Problematização, Criação (construção de saberes), Socialização; esses eram os principais tópicos do projeto de poética, na orientação do professor Vinícius.

Meu estágio III foi na Escola Estadual Laice Aguiar; lá tive a oportunidade de estar à frente de algumas propostas, que foram sugeridas pela professora Sandra. Uma delas era baseada em produzir propagandas para vender ou apresentar um produto, trabalhando a fala, o poder de persuasão e a criatividade dos alunos na arte e construção de seus produtos. Os alunos desenvolviam as falas e os produtos. No primeiro dia da proposta, eu e a professora Sandra Suely separamos os alunos em grupos de 4 ou 5 alunos, cada grupo poderia escolher um produto já existente ou criar um do zero. Ficamos um mês ensaiando e criando roteiros. Eu incentivava os estudantes a criarem e dava um apoio na interpretação do texto, na memorização das falas, ensaiava com eles, pontuava algumas melhorias possíveis.

Figura 2- Produto desenvolvido por um grupo de alunos para a propaganda



Fonte: Arquivo Pessoal da autora, 2022.

Notei que existia uma certa falta de engajamento na atividade, com o discurso de que “Artes não pode reprovar” e que era inútil fazer algo que não teria pontuação válida. Para parte de muitos alunos, parece ser necessário ter notas e pontos válidos para atingir a meta de passar de ano, sendo sua única motivação.

Eu particularmente sempre tive dificuldade com pré-adolescentes, as duas turmas daquele estágio eram do 8º e 9º ano. Uma turma apresentando agressividade verbal, xingando muito entre si, alunos com culturas diferentes, assim como eu, que, na idade deles, também presenciava comportamentos agressivos por parte dos colegas (e não tinha um vocabulário dos melhores). Então não julgo, penso que faz parte da vida deles e da cultura local onde vivem. Passei também a enxergar de outra forma, depois de Vinicius contar de uma aluna que só conversava alto, o que fazia parte do meio de convivência dela. A forma que ele comentou me fez refletir e passar a analisar o comportamento das pessoas e a forma como elas dialogam.

Em contrapartida existiam alunos engajados, participativos, além de criativos e bem-humorados. Um dos grupos criou uma marca inspirada na Nike, criaram o *design*, uma logo desenhada, e um roteiro de apresentação. Me surpreendeu tamanha criatividade – não que eu duvidasse da capacidade deles, mas pelo fato de aparentarem desinteresse nas aulas.

Ainda naquele semestre me matriculei na disciplina Prática de Ensino C: Laboratório de Práticas Teatrais Dramatúrgicas, ministrada pela professora Marina. Foi o momento em que tive a certeza de que queria pesquisar algo relacionado à Dramaturgia. Segundo Pavis (1999), a dramaturgia é o espaço onde se cruzam as linguagens do teatro, onde o texto e a cena se encontram para gerar significado.

A disciplina me fez perceber a interação essencial entre texto e performance, bem como a importância da integração desses elementos na criação teatral.

Tínhamos encontros a cada 15 dias, a turma era grande e não podíamos aglomerar devido à pandemia de Covid 19, então, a solução proposta foi sermos divididos em dois grupos. Achei esse formato perfeito.

Partindo de algumas orientações, Marina pediu que desenvolvêssemos uma dramaturgia de um acontecimento cotidiano, que poderia ter também um trabalho ficcional. Resolvi escrever sobre o dia em que sofri um acidente, que ocorreu em 1998, quando eu tinha cerca de 8 anos de idade e fui atropelada. Então, fiz uma dramaturgia curta, que não deve ter ocupado nem a metade de uma folha:

Uma menina de 8 anos estava atravessando a rua na faixa de pedestre, quando viu que um carro se aproximava. Fez que ia voltar, mas não deu tempo. O carro em alta velocidade lhe pegou de jeito, ela voou por cima do capô do carro e caiu do outro lado da rua, se levantou tonta dizendo que estava bem e que ia embora para casa, caiu no chão outra vez. O motorista assustado, jogou a menina dentro do banco de trás do carro, correu para o volante. Saiu em alta velocidade, junto com outra pessoa desconhecida para menina, ninguém mais viu o carro. (Diário de bordo, 2022)

Lembro que na minha leitura, pois havia escolhido fazer parte do Sorteio, li com muita seriedade e colocando algumas pausas dramáticas, para gerar tensão. Alguns dos colegas ficaram assustados e querendo saber o que aconteceu depois, se tudo era real ou se era fictício. Contei que sim, havia sido atropelada e que de fato fui colocada no carro, mas foi para me socorrer, e a pessoa que estava no carro era conhecida da minha mãe. No entendimento deles, o motorista teria me levado para outro lugar.

A partir daquela aula e desse tópico, “dramaturgia do cotidiano”, criamos outra dramaturgia, onde tínhamos que desenvolver uma escrita de uma cena curtíssima de duração de 1 minuto, levando em consideração e evidenciando o tempo cênico, dramático, uma escrita sem diálogo.

Criei o seguinte texto:

Há no espaço cênico um tecido, a primeira ponta está amarrada a um ferro na horizontal, a outra ponta está amarrada no corpo do ator. O tecido está enrolado nesse corpo. À medida que ele se desenrola até o outro lado do espaço, a transformação temporal tem que ser visualizada, começando da velhice e voltando a sua infância, e depois voltando para a barriga da mãe, no formato de um feto. Toda essa passagem deverá ser representada no corpo do ator. (Diário de bordo, 2022)

Na escrita, buscava mostrar uma linha do tempo ao contrário: começando da velhice e retornando para a barriga da mãe.

Tudo que escrevíamos podia ser lido na meia lua, com e para os colegas. Nessa disciplina, assim como na Disciplina de Dramaturgia para Não Atores, também havia a prática metodológica do "Suvaco ou Sorteio", e eu quase sempre escolhi Sorteio, mesmo às vezes achando que o escrito estava ruim. Mas o texto estava ótimo para meus colegas, comentavam e pontuavam coisas, assim como a professora. Isso contribuía para meu aprendizado, abrindo a mente para outras possibilidades e caminhos.

Foi na referida disciplina que conheci a tese de doutorado da Adélia Carvalho³⁰ intitulada Casas Dramatúrgicas - Material criativo para ensino de dramaturgia, tese premiada como melhor Tese do Programa de Pós-Graduação em Artes em 2022. Nosso trabalho final estava relacionado a ela, tivemos um bate-papo com a presença de Adélia, que leu as cartas e conversou conosco sobre sua tese, orientada pela professora Marina. Adélia escreveu diversos textos, entre comédia, drama, cenas curtas, espetáculos, alguns textos construídos de forma coletiva, e muitos outros sozinha em seu gabinete.

Identifiquei-me muito com aquela escrita, pois tinha o desejo de escrever sobre minha primeira morada, onde vivi durante 13 anos; a partir da tese e da proposta de Adélia, tive o privilégio de escrever e reviver algumas memórias.

O trabalho final da disciplina era escolher um dos exercícios propostos na tese e escrever um texto dramatúrgico autoral. Escolhi a proposta de escrita "Carta da Casa primeira". A orientação era escrever uma carta do ponto de vista da casa da primeira infância, que poderia ser endereçada a mim ou a outra pessoa; era importante pensar quais memórias a casa traz, quais pessoas estariam presentes, reais ou imaginárias, e quais perguntas se desejava fazer ou responder.

Compartilho aqui minha criação:

De: Sua Primeira casa

Para: A menina que tinha medo da chuva

Querida menina, eu sei que eu te trouxe alguns medos e incertezas. Vivemos muitas coisas dentro de mim, presenciei tudo e vivemos intensamente cada momento de sofrimento, angústia, felicidade e diversão. Lembro-me bem do desespero de vocês, quando chovia. Vocês corriam para o banheiro, eu era separada dele. Ele ficava do lado de fora, era de concreto e laje, eu era de telhado e minhas paredes de tijolos. Ele era mais forte, vocês tinham medo que eu caísse em cima de vocês e que ficassem soterrados. Eu tinha medo de cair em cima de vocês também, não tenha dúvida.

³⁰ Professora Adjunta do Curso de Teatro da UNIFAP - Universidade Federal do Amapá. vice coordenadora do Curso de Licenciatura em Teatro da UNIFAP. Doutora em Artes pela EBA-UFMG.

Mas lembro de você, seus pais e seus irmãos correndo para lá de madrugada. Lembra de uma época do ano que choveu granizo? Foi uma chuva muito forte, né? Veio pela madrugada, meus telhados soltavam da parede, eu não conseguia segurá-los, e eu tinha a impressão que eles iam voar, a água entrava e molhava tudo. Vi seus olhinhos pela greta da porta do banheiro, você estava assustada, olhando a chuva, suas incertezas e medos eram grandes. Você dizia que tinha medo de me perder, de não me ter mais para morar, de ter que ir para um abrigo com sua família, e com isso mesmo eu sendo frágil, me dava forças para não cair e te decepcionar.

Quando a chuva passava e vocês voltavam para dentro de mim, estava tudo molhado: sofá, cama, a comida no fogão. E mais uma noite vocês ficavam ali em claro, limpando e secando as coisas. Eu ficava pensando quando que eu poderia melhorar, para que um dia, vocês pudessem dormir sem medo, em tempos de chuva. Ouvia suas orações pedindo que eu suportasse os ventos, as chuvas e os granizos. Sei que não é uma lembrança boa, mas sei que ficou muito marcada em você.

Mas por outro lado, passamos momentos felizes. Se lembra dos seus aniversários? Todo ano sua mãe fazia um bolinho e um cachorro-queite para comemorar com seus amigos. Eu ficava cheia, era uma delícia esses momentos. Você adorava embrulhar aquelas balas, convidava todos, não se esquecia de ninguém. Eu adorava ver você tendo esses momentos felizes. Teve alguns anos em que vocês não comemoraram o Natal e a virada de ano. Eu era sua companheira. Da minha janela, você via outras casas comemorando, via os fogos, era meio solitário, eu sei. Mas quando se fazia a ceia, era alegria pura. Eu sempre ficava arrumada, o cheiro da comida era muito bom, né? Você adorava essa época, porque vestia roupas novas e brincava de estalinho. Era uma barulhada, que só.

Ahh! Lembrei-me de uma coisa estranha que você fazia, e você com certeza vai rir, mas eu te achava meio maluquinha. Você batia a bola na minha parede e conversava sozinha. Inventava histórias, fingia ser uma pessoa rica com dinheiro, famosa, fingia ser vilã e criava diálogos para todos os personagens, e conversava fazendo cada fala de cada personagem. Você ficava horas fazendo isso. Fala que não era engraçado? Apesar das batidas de bola em minha parede, eu dava várias gargalhadas. Você se inspirava nas novelas e nos filmes. E como eu assistia todos com você, sei que algumas das suas histórias vieram de lá.

Teve um dia que você chegou muito assustada, com medo. Sua mãe ficou muito preocupada e queria saber por que você estava daquele jeito. Eu também fiquei curiosa, pois eu escutava tudo, às vezes até sem querer, involuntariamente. Foi então que você contou que estava jogando fliperama no bar da Aparecida, e que entrou um cara, o Adilson, que estava todo sujo de sangue e estava cheio de furos, ele tinha acabado de ser baleado, e estava pedindo ajuda, que caiu próximo de você. E que você correu, porque ficou com medo de chegarem atirando, era comum em algumas épocas ter esses tiroteios. Você ficou um mês sem ir naquele bar, te via no quarto, quietinha, sem sair, morrendo de medo de acontecer outra vez. Foi bem difícil para você, mas você contava para todos que iam até a mim.

Querida, queria dizer que se você tinha alguma dúvida, que eu te amava e tentava proteger você e sua família ao máximo, espero que eu tenha esclarecido nessa carta. Sempre quis te proteger e ficava muito feliz por isso. Eu morri fisicamente naquele ano em que seus pais resolveram me demolir para nascer uma nova casa. Sei que batalharam muito por isso.

Quero dizer que não fiquei chateada por isso, já estava na hora de eu ir embora, estava ficando velha e não suportaria ficar de pé por mais tempo. Eu não era considerada uma casa bonita, me chamavam de barracão, mas para você eu era casa e isso me bastava. Nunca quis machucar vocês, sempre tentei ser forte para protegê-los. Espero que esteja feliz, que a sua

nova casa seja forte, resistente, que o banheiro seja unido dentro dela e que você nunca precise correr da chuva e do vento. Sei que essa preocupação te perturbou por longos anos de sua infância e adolescência, não queria que ela te perturbasse por mais anos.

Um grande abraço.

Minha casa fez e ainda faz parte da minha história. Compartilho com o leitor algo que permanece vivo dentro de mim e que gostei muito de escrever, na aprendizagem de dramaturgias contemporâneas naquela disciplina. Retornar à minha casa, através da proposta da Adélia Carvalho, evocou imagens do lugar onde vivi por quinze anos. Nunca havia pensado que tudo que experimentei nessa morada pudesse resultar em uma dramaturgia. Escrever uma carta do ponto de vista da casa é uma ideia potente e poderosa.

Sempre compreendi a dramaturgia como uma forma de escrita ou criação, mas, na prática, parecia ser algo complexo. Hoje sei que, embora pareça desafiador, o aprendizado da dramaturgia não é de todo impossível ou inalcançável. Apenas requer mais leitura, pesquisa e conhecimento. Acredito que a dramaturgia permeia tudo ao nosso redor, e que podemos criar a partir de nossas vivências, experiências e cotidiano.

Foi assim que minha curiosidade pela dramaturgia cresceu, passei a querer transformar em dramaturgia tudo o que via, observando situações ao meu redor com olhar mais atento e imaginativo; a cada cena cotidiana, vislumbrava uma história em potencial.

O desejo de escrita de dramaturgias nunca se apagou.

7. A arte no ensino de teatro e a fenomenologia: um olhar sobre a infância

No primeiro semestre de 2021 fiz a disciplina Prática de Ensino D: Seminário de Teatro e seu Ensino: Entre nos lugares da arte: no corpo, no outro, no mundo, também com a professora Marina, e tive contato com seu artigo intitulado ESPIRALIDADES: arte, vida e presença na pequena infância, publicado em 2020. Quando escrevi o projeto de pesquisa, em 2021, não conhecia o artigo. Percebo que o texto poderia ter me ajudado lá atrás, se eu tivesse conhecimento dele, ou realizado a disciplina na mesma época ou antes: alguns pensamentos se cruzam, fazendo sentido para o que eu desejava falar sobre infância. O texto propõe uma nova abordagem para o ensino de arte fundamentada na fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty³¹, repensando as “línguas artísticas” como lugares, ou âmbitos artístico-existenciais. Segundo o texto os âmbitos são: teatralidade, corporalidade, espacialidade e musicalidade. Merleau-Ponty ofereceu para Machado uma base teórica para compreender como as crianças convivem com o mundo ao seu redor e a importância da arte. Merleau-Ponty compreende a fenomenologia do conhecimento do mundo por meio da experiência corporal, levando-o em consideração.

No referido texto a autora comenta uma atitude que ela sintetiza com a frase: “Deixa...Vai rolar!”. Na minha experiência como professora, frequentemente escutava essa frase de colegas de trabalho, e era como se devêssemos jogar para o Universo, e “rolaria” no final, ou seja: “Vai dar certo, sempre dá”. Equivaleria deixar na mão de crianças não atores a responsabilidade de um espetáculo dar certo!

No ponto de vista de Machado:

Esta etiqueta ou tarja pejorativa corre o risco de imprimir traços dogmáticos de como deve ser o ensino de arte, numa via racionalista, de mão única; não é bom etiquetar ou vetar a livre expressão, pois precisamos continuar, agora e sempre, a buscar o gesto criativo espontâneo: e, para procurá-lo, precisamos acreditar nele. (Machado, 2020, p. 354)

Rotular o ensino de arte maneira negativa pode levar a uma abordagem limitada e rigorosa; não é bom impor restrições à livre expressão artística, e seria importante valorizar a espontaneidade e criatividade.

Assim, mais uma vez venho refletir sobre meu modo de dirigir e conduzir a aula, minha preocupação em “levantar um espetáculo” com não atores, no período de quatro meses. Aquilo me fazia ser centralizadora e criar tudo, por vezes deixando a espontaneidade da criança de lado, por achar que não teria tempo de explorar a criatividade delas. Eu era a adulta proponente:

³¹ Filósofo francês associado com o existencialismo e a fenomenologia, conhecido por sua abordagem inovadora da percepção e da experiência corporal, e por sua contribuição para a filosofia da arte.

precisava fazer planejamentos, e desenvolver as habilidades que o teatro tradicional permite, tais como o uso da voz, projeção, noção de espaço, o corpo do personagem, interpretação, dicção. O foco estava na construção da personagem e na vida do aluno, que poderia seguir a carreira de artista.

Descobri no âmbito das teatralidades, tal como o texto de Machado argumenta, que deveria encontrar a minha identidade de professora artista, professora *performer*:

O faz de conta é uma prática das culturas da infância que trabalha com aspectos invisíveis, com combinados entre crianças, com o uso criativo de objetos, com a transformação do corpo. O professor que acompanha e observa as crianças brincando pode enriquecer as brincadeiras, apimentando-as com ingredientes ricos de teatralidades. (Machado, 2020, p. 361)

Machado sugere que os professores, ao observar as crianças brincando, pode contribuir com elementos teatrais, tornando a brincadeira ou até mesmo o jogo mais atrativo e interessante. O brincar de faz de conta nos leva a muitos lugares, e acredito que, com crianças, pode levar a ficcionalidades e a alimentar a criatividade da criança.

Certa vez escutei de um Animador infantil que “criança não precisa de recriador para brincar”, pois já criam suas brincadeiras sem a necessidade de um adulto, e custei a dar razão para ele. Mas após refletir por dias, e observar crianças em um recreio, percebi que, realmente, elas não precisam de um adulto para brincar. Foi aí que as coisas começaram a fazer sentido.

Machado desenha a noção de “criança *performer*”:

Podemos olhar a criança como ator social participante da vida, inserindo no mundo compartilhado com o adulto; protagonista quiçá vivo, vivaz, intenso, brincante. Sua autobiografia, narrada na chave ficcional, será a mais fiel tradução de sua poética própria. (Machado, 2020, p. 362)

Percebi a importância de enxergar a criança como protagonista, cheia de vida, energia e brincadeiras; a autobiografia da criança pode ser considerada, bem como a voz e a criatividade da criança, com o adulto reconhecendo a autenticidade de suas experiências.

No CPT tínhamos os momentos de jogos teatrais, trabalhados de modo brincante, com as habilidades: de concentração, atenção, noção de espaço, postura, linguagem corporal, reconhecimento de um palco italiano. São maneiras de trabalhar o jogo dirigido para conhecimentos específicos. E preciso ver o outro, imaginar o outro e criar um plantio fértil para receber sementes... e seguir o processo de crescimento até uma árvore que dá frutos, que precisa continuamente ser regada para permanecer viva e ativa, contribuindo com seus processos.

Machado (2020) comenta que o trabalho com o desenho, argilas e pintura enriquecem o conhecimento e a corporalidade da criança no mundo, habitando o âmbito da espacialidade.

Faço relação com a experiência que tive no Estágio III, onde os alunos construíram seus fantoches de caixa de leite, criaram roteiros com meu apoio e apresentaram cenas, a partir do faz de conta, buscando seu protagonismo.

O professor *performer* disponibiliza materiais, espaços, ganchos nas paredes e no teto para armar espaços com tecidos, objetos diferentes para que novas possibilidades surjam. O referido texto destaca a importância de se criar repertório, levando as crianças a prestigiar museus, exposições, paisagens sonoras, etc. Talvez em escolas criar repertórios possa ser algo mais acessível e próximo. Nas instituições de cursos livres, muito ainda pode ser feito.

Em Estágio III, tive uma experiência de construção de bonecos, de fantoches feitos com caixa de leite longa vida. O processo durou um mês: dias para ensaiar, criar o roteiro; fiquei responsável por orientar a dramaturgia dos textos, trabalhando os diálogos, a criação dos personagens, a entonação e desenvolvimento da cena, que poderia ter até 5 minutos de duração.

Os fantoches foram produzidos por eles em casa. Era para levar para a Escola só no dia da apresentação, para gerar surpresa na turma. Essa atividade foi desenvolvida pelos alunos do sexto ano do Ensino Fundamental da Escola Laicer Aguiar. 50 minutos semanais para trabalhar cenas com alunos era complicado, pois tinha que dar atenção e passar por todos os grupos. Foi incrível, envolvia teatro e estava um pouco próximo da minha vivência. Percebi ter mais alunos engajados.

Figura 3 - Fantoches construídos por alunos da Escola Laicer Aguiar



Fonte: Arquivo Pessoal da autora, 2022.

No dia da apresentação foi tudo muito rápido, uns esqueceram o fantoche, outros não fizeram o fantoche, e outros faltaram, prejudicando o trabalho de grupo e fazendo com que

tivessem que improvisar ou substituir personagens. No final deu tudo certo e ficamos felizes com o resultado e a participação deles.

Também no referido texto de Machado (2020) compreendemos que a educação musical, tradicionalmente, era conhecida como o ato de saber cantar ou tocar um instrumento, ou participar de um coral ou uma banda. Nessa perspectiva, para alcançar a musicalidade ou se aproximar dela, era necessário ser profissional (como educador musicista) ou ter técnica (como artista da música). No artigo, Machado propõe partir de algo aparentemente simples: o ouvir e ser ouvido; recriar tempos e ocupar espaços, sem propor imitação como método. O professor *performer* irá positivar cada fenômeno infantil: o grito, a blablação, os barulhos e ruídos sonoros do espaço, a música que “está no ar” e não apenas em CDs ou nos cantores de bandas infantis e nos *streamings*. Os estereótipos devem ser evitados a todo custo.

Converso aqui com uma experiência vivida no Estágio III, onde desenvolvi um exercício que traz musicalidade. No último dia de aula fiz uma aula com jogos teatrais com 2 turmas, uma do oitavo e outra do nono ano do Ensino Fundamental. Propus um exercício dividido em dois momentos: no primeiro momento, os alunos desciam para o pátio em câmera lenta, descida na qual deveriam escutar atentamente os sons, ruídos e barulhos do ambiente. Ao chegar na quadra, ainda em silêncio, deveriam fazer uma roda. No segundo momento, falavam seu nome, faziam um movimento corporal e emitiam um som, relacionado com o que escutaram na descida para o pátio; cada aluno apresentava seu movimento e som, e, depois que todos apresentassem, o jogo avançava para outra fase, onde um aluno ia até um colega da roda, fazia um movimento e o som de outro alguém, e aquela pessoa deveria identificar na roda quem era “o dono do som e do movimento”. Foram duas rodadas e os estudantes ficaram bem surpresos por conseguirem achar rápido o dono do som e do movimento.

Seguindo na proposta da linha do som, fomos para o último momento, nomeado de Orquestra dos Sons, trabalhando sons e ruídos do exercício anterior, e podendo acrescentar sons instrumentais, feitos com o corpo ou voz. Os estudantes ficaram lado a lado e chamei um aluno para ser o maestro, regendo a orquestra, criando alguns comandos para facilitar: tínhamos o movimento de aumentar o som, utilizando a mão para cima; diminuir, utilizando mão para baixo; fechando a mão, para parar tudo; apontar o dedo para uma pessoa, comando para iniciar o som. Para minha surpresa eles amaram o jogo e praticamente todos os alunos queriam passar pela experiência de ser maestro. Eu fazia muito esse jogo com meus alunos no CPT.

O artigo da professora Marina me fez refletir sobre quais momentos eu fui e deixei de ser uma professora *performer*, me perguntando: *Em quais momentos me deixei permitir deixar*

que a criança explorasse o seu mundo e suas vivências? Em quais momentos impedi que a criança fosse protagonista? Perguntas que ecoam ainda em mim.

8. Entre regras rígidas e a liberdade de ensinar

Durante o Estágio IV, deparei-me com limitações na escola Estadual Anita Brina Brandão. Não era permitido utilizar espaços físicos da escola durante a aula, nem reorganizar as cadeiras para criar um ambiente propício para uma determinada atividade. Realizar uma aula teatral em uma sala com cerca de 25 alunos dispostos em fileiras fixas foi desafiador. Esse formato que segue o padrão de que alunos não pode levantar de suas cadeiras e não podem ter atividade fora de sala, restringe a interação e impossibilita a plena utilização dos espaços físicos da escola.

Criei um exercício simples, baseado nas aulas que observei. Imprimi algumas imagens de artistas conhecidos e anônimos. Cada fileira de alunos recebia uma dessas imagens e uma folha A4 em branco. O primeiro da fila tinha a responsabilidade de iniciar o desenho da imagem, dispondo de 50 segundos para tal. Após esse período, recolhia a imagem, e a folha era passada para o aluno seguinte, que continuava o desenho, a partir do ponto de onde seu colega havia parado. O processo se repetia até que a folha chegasse no último aluno da fileira. Ao final, era revelado para a turma quem mais se aproximou do desenho original.

Para minha surpresa novamente, os alunos apreciaram muito a atividade proposta e pediram para repetir. Realizei uma segunda vez, e novamente demonstraram entusiasmo. Mostram-se motivados e desejosos de experimentar a dinâmica de começar o desenho em diferentes posições nas fileiras. Foi uma proposta que funcionou e teve boa aderência da turma.

Marina sempre nos alertava em suas disciplinas sobre evitar o comando “Criem aí que eu já volto”, algo que pode pressupor que não atores estão aptos a criar algo de antemão. Por longos semestres que antecederam minha entrada na Universidade, eu utilizava aquele tipo de comando em minhas aulas: propunha grupos de cinco alunos, dividia o texto entre eles e dava 15 minutos para criarem algo para mostrar para os colegas. Eu dizia: “Defenda seu personagem”. Dar aula de teatro desse modo não resultava em algo significativo, pois eram crianças aprendizes e iniciantes no teatro, e não podia esperar que produzissem cenas elaboradas. Hoje, com a experiência acadêmica que adquiri, compreendo que é necessário preparar o solo, semear o plantio, criar um ambiente de troca saudável, sem receita pronta – e livre de autoritarismo.

As aulas da disciplina Análise Prática de Estágio IV eram ministradas pelo Vinicius Lírio, com encontros quinzenais de extrema importância, um momento de encontrar com a turma, partilhar angústias, e ouvir as experiências dos colegas nos seus estágios.

Eu pensava que, nas aulas, eu receberia uma fórmula pronta, do que fazer ou executar nos estágios. Mas notei que, desde o Estágio III, Vinicius trabalhava com uma outra abordagem:

Não poderíamos começar um processo pedagógico e, tampouco, uma criação, trabalhando a partir de modelos prontos. Isto é, de uma forma ou um plano que eu, como professor orientador do estágio, entregaria e diria: esse é o modelo! Agora, você vai para a sala de aula e o executa. (Lirio, 2017, p. 60)

O professor condutor do Estágio faz uma crítica das abordagens estruturadas e fechadas que existem no meio educacional, ressalta a flexibilidade e abertura; esse ensino, fechado nos moldes estruturados, de certa forma bloqueia o processo criativo e acaba sufocando o aluno e o professor. Por exemplo, nas aulas de Artes Visuais que eu observava era sempre a mesma coisa: a professora copiava algo no quadro, o aluno reproduzia no caderno e depois levava na mesa para ganhar um visto. Esse modelo conteudista não aproxima o professor do aluno, tendo em vista que cada aluno possui sua peculiaridade de entendimento e aprendizado. Esses métodos e modelos inflexíveis limitam e comprometem a qualidade de ensino. Lirio (2020) argumenta que precisamos investir cada vez mais nas novas experiências e nos deixar afetar por elas, como o abraço, que sempre vais ser diferente e novo, nunca igual.

No segundo semestre de 2023, resolvi escrever um e-mail para Marina, convidando-a a ser minha orientadora, e explicando que eu gostaria de basear meu TCC em uma experiência voluntária; tinha o pensamento que precisaria fazer algo antes, para ter material para escrever meu TCC. Marina aceitou o convite, embora tenha mencionado que trabalhava de uma maneira diferente. Escreveu em seu e-mail de resposta: “Eu tenho um jeito de orientar, que é numa linha "autobiográfica". Explico: se você for orientada por mim, o foco do TCC não será exatamente essa prática, mas sim seu processo de "virar professora de teatro". Eu tenho até uma fórmula que é: QUEM SOU / ONDE ESTOU / PARA ONDE VOU, para a estrutura de escrita (introdução / desenvolvimento / conclusão)”.

Fiquei reflexiva por um tempo, até compreender que o estilo de orientação da Marina coincidia com o que eu desejava abordar. A decisão de focar na experiência voluntária foi justamente tomada por querer compartilhar um pouco da minha vida, da minha jornada pessoal com parte da história de vida de outras pessoas. A experiência na Escola Dom Orione aconteceu fora da UFMG, concomitante ao meu percurso acadêmico, e funcionou mais como uma forma de escuta, rodas de conversa revisitando memórias e o passado. Foram histórias interessantes de se ouvir, mas, como não consegui chegar a desenvolver dramaturgias a partir das narrativas, optei por não me ocupar aqui daquela experiência.

9. Horizontes futuros: rumo a possibilidades infinitas

Se professor e aluno desempenham seus papéis na busca do conhecimento e do crescimento pessoal, a aula torna-se autêntica obra dinâmica, na qual a eloquência, a vivacidade, os gestos significativos, o humor, o diálogo, a criatividade, a surpresa e mesmo as desavenças compõem e enriquecem o espetáculo didático. (Perissê, 2009, p. 66)

No meu percurso acadêmico, sempre me preocupava para onde iria depois da Universidade, com certa preocupação com o que fazer no Trabalho de Conclusão de Curso. Foram longos semestres tentando encontrar algo para estudar, ou até mesmo buscando vivências para ter o que escrever. Não imaginava que a escrita poderia tratar do meu percurso dentro da Universidade.

Então aqui voltei à minha infância e à minha vida artística e profissional, e revisitei o que experimentei em seis anos de faculdade. Passei por dificuldades, desentendimentos, frustrações, decepções, alegrias, conquistas, perdas e aprendizados, não necessariamente nessa ordem. O meu desejo de estar formada e ter um diploma está bem próximo, meu objetivo está sendo alcançado, com muita luta e abdições.

Deixar-se formar pela arte não envolve, necessariamente, saber explicá-la. Antes de tudo, e depois de tudo, a formação estética do professor (muito longe de formatações pasteurizadas) consiste e que ele veja melhor o que está vendo, ouça melhor o que está ouvindo, saboreie melhor o que está saboreando. (Perissê, 2009, p. 53)

Não sou a mesma Cris de 2016 antes da Universidade, nem tampouco a Cris de 2018 quando iniciei a graduação, muitos pensamentos mudaram e hoje vejo o quão foi necessário passar por todo o percurso. Eu continuo sendo a Cris determinada a conseguir alcançar seus objetivos. Mas dessa vez com algo a mais. Muitos duvidaram que eu chegaria até aqui, na verdade nem imaginavam que eu estaria nesse lugar, estudando em uma das melhores Universidades federais do Brasil.

Finalizando o ciclo de estudos, ainda quero buscar mais, estudar e trilhar novos caminhos. Gostaria de me envolver com a escrita dramaturgica, poder criar em diálogo com os ensinamentos adquiridos nos Estágios e nas disciplinas de dramaturgia, de modo a contribuir para o aprendizado de alunos, que, assim como eu, viverão dificuldades que só com professores flexíveis e abertos poderão trilhar um caminho próprio, sem desistir. Espero que meus alunos não se sintam bloqueados e sufocados no processo criativo. Respeitarei o modelo de cada instituição, mas trazendo meus estudos e meu modo de conduzir. Quero voltar a dirigir crianças, mas agora com um novo aprendizado e com uma nova carga de conhecimento.

Penso, em alguns anos, fazer um mestrado relacionado a dramaturgia, dramaturgias cotidianas a partir das histórias de vida de alunos do Ensino Médio e EJA. Um projeto que comecei a elaborar, e que, como pesquisa de mestrado vai requerer tempo, aprofundamento e estudo. Vontade e ideia inspirada pelas disciplinas de dramaturgia e, especialmente, pela tese de Adélia Carvalho.

Referências Bibliográficas

ARTAUD, Antonin. *O Teatro e Seu Duplo*. Tradução de Ruy Castro. São Paulo: Perspectiva, 1958.

BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CARVALHO, Adélia Aparecida da Silva. *Casas dramáticas: Material criativo para ensino de dramaturgia*. Tese de Doutorado em Artes da Cena) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

COSTA, Celia L. M. *O Teatro e a Educação: A Experiência da Contação de Histórias*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

KEHL, Maria Rita. *Corpo e Cultura: A Imagem do Corpo na Sociedade Contemporânea*. São Paulo: Editora XYZ, 2018.

LÍRIO, Vinícius da Silva. *Criar, performar, cartografar: poéticas, pedagogias e outras práticas indisciplinadas do teatro e da arte*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

LÍRIO, Vinícius da Silva. Mapa de um corpo-dançante: uma escrita sob o prisma do movimento. In.: LÍRIO, Vinícius da Silva. *Cartografia de Poéticas Híbridas: entre rastros de encenações à margem*. Belo Horizonte: Kma, p. 13-19, 2019.

MACHADO, Marina Marcondes. *O diário de bordo como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em artes*. Sala Preta, São Paulo, v. 2, p. 260-263, 26 nov. 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57101/60089>

MACHADO, Marina Marcondes. *Merleau-Ponty e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MACHADO, Marina Marcondes. Fazer surgir antiestruturas: Abordagem em espiral para pensar um currículo em arte. *Revista E-curriculum*, São Paulo, v. 8, n. 1, 2 abr. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucspM.br/index.php/curriculum/article/view/9048/6646>.

PAVIS, Patrice. *Dicionário do Teatro*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

PERISSÊ, Gabriel. *Estética e Educação*. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2009.